



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.

CORPO E GÊNERO NAS PRÁTICAS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Francis Madlener de Lima (francis_mad@hotmail.com)

Nilson Fernandes Dinis

Programa de Pós Graduação em Educação

Universidade Federal do Paraná

CNPq/CAPES

Resumo: A Educação Física vem historicamente se confundindo com a história da sociedade, e, a partir do advento da sociedade capitalista, passa a ser uma ferramenta importante para a adequação dos corpos ao novo modelo de produção. Tem-se então a disciplinarização das práticas e, conseqüentemente, dos corpos, os métodos ginásticos e a posterior inserção da Educação Física nas escolas traz consigo formas de intervenção no corpo que se caracterizam por uma disciplina imposta e uma posterior internalização e auto-regulação dos indivíduos. Toda metodologia de ensino da Educação Física nas escolas mantém essas raízes em práticas anteriormente ligadas à produção de trabalhadores aptos física e moralmente. Estas práticas escolares continuam solidificando a distinção dos indivíduos feita através de suas capacidades físicas e de seu sexo biológico, através da noção de papéis sociais ligados a cada gênero. Sendo assim as aulas de Educação Física separam as meninas dos meninos, estabelecem características para cada um deles e perpetuam um modelo em que ao homem cabe um papel ativo, violento e competitivo, restando às meninas o seu oposto. Busca-se perceber então, através dessa reflexão, de que forma se dá a produção de sujeitos e suas identidades de gênero na história e nas práticas atuais da Educação Física.

Palavras chaves: Educação Física, gênero, corpo.

A disciplinarização dos corpos nas práticas de Educação Física

Muitos autores já escreveram a história da Educação Física, ou melhor, as histórias, uma vez que não existe uma única e verdadeira história e não é o objetivo neste momento reescrevê-la, mas sim refletir a partir desses autores os aspectos centrais de uma Educação Física que já assumiu e vem assumindo vários papéis dentro da nossa sociedade. Esse trabalho de releitura e reflexão acerca dessa história é fundamental para o entendimento dessa área de conhecimento, tanto para seus/suas professores/as como para aqueles/as interessados/as na educação escolar de uma forma geral.

Sendo assim, percebemos que a Educação Física vem assumindo diversas formas ao longo do tempo, sendo estruturada como atividade necessária ao ser humano no período de advento da sociedade capitalista. Na Europa a Educação Física passa a ser caracterizada como Ginástica ¹, sendo desenvolvida através de diversos métodos. Uma prática anteriormente realizada com fins militares, passa a ser difundida para toda uma sociedade crescentemente urbana e industrial, cada vez mais afetada pelas intempéries causadas pelo modo de produção capitalista, ou como afirma SOARES (2002, p. 19): “é possível afirmar que, ao longo do século XIX, surgem inúmeras tentativas de estender sua prática ao conjunto da população urbana cada vez mais numerosa e potencialmente ‘perigosa’ para os objetivos do capital”.

O perigo que vinha da população residia no fato de seu crescimento vertiginoso e na ausência de valores e comportamentos que eram preconizados pela emergente classe burguesa. Uma população sem a educação desejada pela classe dominante e que vivia fora de uma moral burguesa causava desordem dentro do novo padrão de sociedade que se desejava criar. As doenças proliferavam e atrapalhavam a saúde do trabalhador, ponto fundamental para o capitalismo, uma vez que este necessitava (e necessita) da força de trabalho dos seus operários. Assim, junto com inúmeras medidas sanitárias e de moralização das cidades, a atividade física, na forma da Ginástica, passa a ser defendida pelos meios intelectuais como forma de aprimoramento da saúde, tanto individual quanto coletiva:

... é possível destacar que o reconhecimento da ginástica pelos círculos intelectuais é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a ginástica passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha a internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano (SOARES, 2002, p. 18).

A Educação Física veio atender à demanda de organização dos corpos, de purificação das populações e melhoria da mão de obra. Numa sociedade que passa a valorizar o homem de uma nova forma, a educação do corpo faz-se fundamental para as

¹ Abarcando uma enorme gama de práticas corporais, o termo ginástica, pertence ao gênero feminino, de designação feminina e que historicamente se constrói a partir de atributos culturalmente definidos como masculinos - força, agilidade, virilidade, energia/têmpera de caráter, entre outros - passa a compreender diferentes práticas corporais. São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos corridas, equitação, esgrima, danças e canto (SOARES, 2002, p. 20).

aspirações capitalistas, uma vez que a força de trabalho torna-se a base da economia. Vê-se então, uma forma renovada de intervenção política no corpo:

... o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nesta Ginástica que é consolidada no século XIX, existem características marcantes que permanecem até os nossos dias. A principal delas é a intensa necessidade de reconhecimento científico. Reconhecimento que vem da utilização de estudos anatômicos, fisiológicos e biológicos. A adequação da Educação Física dentro da lógica científica que mede, calcula e automatiza homens e mulheres deixou um legado à Educação Física escolar, que ainda faz prevalecer, na sua maioria, os aspectos físicos e biológicos em suas aulas.

A Educação Física desde seu surgimento teve como um de seus objetivos a descoberta do funcionamento do organismo, a melhor forma de utilização das energias e as maneiras de tornar o corpo mais saudável. Justificou sua presença na escola e na sociedade a partir da ciência e da sua capacidade de ajudar na melhoria da saúde individual e coletiva. Sendo assim, sempre buscou desenvolver meios para separar, medir, quantificar, avaliar e julgar os corpos. Seguindo o raciocínio de FOUCAULT deve-se questionar aquilo que está na superfície e a partir da intervenção política que passou a ser exercida sobre o corpo, pode-se perceber de que forma a separação e avaliação dos corpos pode servir a objetivos que vão além da saúde:

Graças a todo esse aparelho de escrita que o acompanha, o exame abre duas possibilidades que são correlatas: a constituição do indivíduo como objeto descritível, analisável, não contudo para reduzi-lo a traços “específicos”, como fazem os naturalistas a respeito dos seres vivos; mas para mantê-lo em seus traços singulares, em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidade próprias, sob o controle de um saber permanente; e por outro lado a constituição de um sistema comparativo que permite a medida de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa “população” (FOUCAULT, 1987, p. 169).

Desta forma, a Educação Física atendendo às necessidades produtivas, e criando meios de atuar em prol de uma sociedade que a adotou como ferramenta, passou a ditar

normas e padrões de saúde, passou a separar os aptos daqueles que precisavam de cuidados. A Educação Física através de seus métodos ginásticos, exigência de desempenho e busca constante de resultados desenvolveu um imaginário onde o corpo deve estar sempre são, belo e preparado para as exigências de uma sociedade em constante transformação.

Dentro dessa análise da sociedade capitalista cabe ressaltar a presença marcante da disciplina, que se configurou como necessidade e também como ferramenta do capitalismo emergente, fazendo nascer aquilo que FOUCAULT (1987) denomina “sociedade disciplinar”: “pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de ‘quarentena’ social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do ‘panoptismo’”(ibid., p. 189). A sociedade disciplinar caracteriza-se por uma constante vigilância ² que age sem ser vista; que, após inculcar o autocontrole nos indivíduos, não necessita expor-se pois, mostra seus efeitos a partir das próprias ações individuais.

Para FOUCAULT todo esse processo de otimização do tempo e de extração de forças apropriadas para cada fim, que ocorre em diversos espaços sociais, entre eles a escola, chama-se disciplina: “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”(ibid., p. 126). Segundo o autor “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados”(ibid., p.127), na medida em que limita suas ações, canalizando suas energias para objetivos específicos.

No caso da escola, os exercícios, as repetições, a cerimônia e a avaliação, entre tantas outras práticas, faz com que os alunos sejam organizados, assim como os operários de uma fábrica, dentro de um sistema de normas de comportamento, com a imposição de uma série de tarefas que visam um objetivo maior de docilizar os corpos: “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma capacidade’ que ela procura

² O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permita que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 1987,p. 177).

aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso” (FOUCAULT, 1987, p. 127).

FOUCAULT ainda analisa outras características escolares que auxiliam no entendimento da Educação Física do século XIX. Formas de proceder que influenciariam esta prática escolar significativamente ao longo do tempo. A primeira delas é a fila, essa forma de organização que ainda hoje está muito presente nas aulas de Educação Física. Alinhando os alunos dessa forma, os professores tentam administrar as aulas, ocupar os espaços e materiais de forma a auxiliar no entendimento e execução dos movimentos: “a disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 1987, p. 133).

Outra forte característica da Educação Física, principalmente aquela que privilegia o esporte dentro da escola ³, é a relação entre corpo e objeto a ser manipulado. Nessa passagem, FOUCAULT analisa a disciplina presente na movimentação militar. Pode-se relacionar essa forma de ação com a Educação Física militarista que esteve presente nas escolas por muito tempo e que deixou suas marcas:

Temos aí um exemplo do que se poderia chamar a codificação instrumental do corpo. Consiste em uma decomposição do gesto global em duas séries: a dos elementos do corpo que serão postos em jogo, a dos elementos do objeto manipulado; coloca-se depois em correlação uns com os outros segundo um certo número de gestos simples; finalmente fixa a ordem canônica em que cada uma dessas correlações ocupa um lugar determinado (FOUCAULT, 1987, p. 139).

A antiga (e ainda presente) exigência de rendimento, de habilidades motoras bem desenvolvidas e destreza na execução dos movimentos ginásticos ou esportivos, fez com que a Educação Física fosse caracterizada como a prática capaz de fortalecer o corpo e a moral dos indivíduos. A disciplina presente nos exercícios e nos esportes seria transposta para a vida do aluno, tornando-o apto a sobreviver na sociedade.

Ainda em relação à disciplina, as aulas de Educação Física sempre tiveram o esquadramento do corpo e a exposição das habilidades como centro de sua prática. Os alunos precisam expor-se frente aos demais, realizar as atividades perante os olhares

³ Entende-se que a Educação Física é uma prática pedagógica que não se limita à reprodução, dentro da escola, das formas esportivas de competição e rendimento. Pautados na concepção proposta pelo Coletivo de Autores (1992), acredita-se que a Educação Física, enquanto área de conhecimento, deve proporcionar ao aluno o acesso a toda forma de expressão corporal construída historicamente pela humanidade.

avaliativos de colegas e professores/as. A exposição das fraquezas ou das qualidades faz com que a aula de Educação Física sirva como forma de vigilância, uma vez que o aluno está sendo observado o tempo todo, está sendo avaliado e julgado. Na perspectiva de Educação Física hegemônica, o aluno não escreve, não fala, não faz provas ou trabalhos, ele não pode se esconder atrás das palavras. Seu corpo é a expressão máxima de suas virtudes e vícios, as avaliações são feitas a partir da observação de sua postura, de suas habilidades e dificuldades; “O poder disciplinar (...) se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar” (FOUCAULT, 1987, p. 167).

Na Educação Física (mais do que em qualquer outra matéria curricular, pois tem como objeto de intervenção direta o corpo) o indivíduo se vê exposto, controlado em seus gestos e avaliado de acordo com suas capacidades físicas. O corpo do aluno é o alvo primeiro da intervenção disciplinar e através dele busca-se outros aspectos do sujeito: a alma pura, o espírito nobre, a moral elevada, o trabalho honesto.

A Educação Física e as questões de gênero

Atualmente a Educação Física se constitui como um campo em constante debate, sua presença na escola enfrenta diversos obstáculos e suas práticas ainda permanecem arraigadas em uma tradição biológica/tecnicista. Essa tradição pode ser percebida nas práticas escolares onde prevalecem a prática desportiva e a divisão das atividades entre meninos e meninas. A aula de Educação Física, desta forma acaba fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, produzindo sujeitos masculinos e femininos através de suas práticas.

Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na educação física que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje, a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se as meninas "naturalmente" mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da "brutalidade" inerente aos meninos (FRAGA, 2000, p. 117).

A partir dessa separação, considerada “natural” por muitos/as professores/as, são formadas e reforçadas expectativas e modos de comportamento “próprios” de cada

gênero. Às meninas cabe jogar caçador, realizar atividades ligadas à dança entre outros; e para os meninos são permitidas atividades esportivas mais “agressivas”, que desenvolvem e/ou liberam sua suposta agressividade:

Jogos e competições apontam para a construção de corpos masculinos mais fortes e ágeis, para uma "agressividade sadia" que pode - geralmente para eles - se manifestar em corridas e lutas de brinquedo. Nessas atividades, estimula-se um tipo de camaradagem considerada "tipicamente" masculina, na qual está presente, freqüentemente, a lealdade, mas onde não se supõe intimidade, confidências, demonstração explícita de sentimentos (LOURO apud FRAGA, 2000, p. 128).

Esse tratamento diferenciado passa a exigir um certo tipo de comportamento que deve ser atendido pelo aluno. Entender que o menino é mais agressivo e ativo que a menina faz com que o/a professor/a espere dele determinadas atitudes que podem não corresponder à sua personalidade, mas que acabam sendo vistas como “normais”. Essa cobrança é feita também por aqueles que se encaixam nesse padrão de masculinidade, que esperam de seus colegas atitudes “dignas de homens”. Essa necessidade de se encaixar em um padrão faz com que os alunos internalizem certas formas de vigilância e auto-regulação, a fim de garantir sua inserção no grupo. Segundo LOURO (1995, p. 89), “podemos pensar então que as práticas escolares, como todas as outras, participam desse processo e, portanto, também imprimem no corpo de crianças e jovens disposições, atitudes, hábitos, comportamentos, que, num determinado momento e espaço social, são considerados como adequados à formação de meninos ou meninas”.

Concordamos com a autora, quando ela afirma que a escolarização do corpo não ocorre exclusivamente com os meninos, mas que “o discurso sobre a construção do corpo masculino me parece ser quase sempre mais ‘aberto’ e mais claramente assumido” (ibid., p. 90). As exigências feitas sobre o sujeito masculino passavam despercebidas, até porque foram as mulheres que iniciaram um processo de reflexão e enfrentamento em relação aos padrões sociais. Atualmente, com as mudanças que vêm ocorrendo no “universo masculino” (muitas fruto das reivindicações femininas), o homem passou a questionar aquelas características ditas “naturais”.

Dentro dessa construção do corpo masculino feita na escola, já salientamos que a Educação Física tem um papel central, através principalmente, da prática desportiva. Os jogos que desenvolvem coragem, lealdade e que se dão através da competição, seriam práticas “naturais” e “instintivas”, e a não participação nesses momentos seria vista como indicador de que algo está errado (LOURO, 1995). A configuração de uma aula

de Educação Física faz com que todos os sujeitos sejam observados, representando “uma situação constante e peculiar de exame” (ibid., p. 91). A permanente exposição que a aula exige faz com que as ações individuais possam ser observadas e avaliadas, tornando facilmente perceptível qualquer atitude “anormal” de seus alunos.

ALTMANN (1999), em um estudo sobre a ocupação do espaço escolar, aponta algumas características que nos ajudam a entender de que forma a masculinidade está presente na escola, sendo produzida e reproduzida. A autora presenciou uma Semana de Jogos promovida por uma escola, onde os/as alunos/as se dividiam em equipes para competirem entre si. A partir dos gritos de guerra e dos uniformes utilizados pelas torcidas e equipes, ela aponta para a seguinte conclusão:

Assim, a linguagem dos uniformes e dos refrões não apenas reproduzia uma determinada imagem masculina do esporte, como a constituía. Não era, porém, a qualquer masculinidade que o esporte se associava, mas à imagem de um homem forte, violento e vitorioso. Essas imagens reproduziam e produziam simultaneamente identidades esportivas e de gênero, determinando, em grande parte, as relações estabelecidas entre os jogadores (ALTMANN, 1999, p. 162).

Assim, a escola dá preferência para um certo tipo de atitude masculina, mas segundo a própria autora “não se pode descartar a existência de outras formas”, sendo que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (id.).

Na prática hegemônica do esporte aceita-se que a lealdade esteja presente, mas “a camaradagem não supõe, necessariamente, intimidade, revelações profundas, confiança mútua (...) vêm se construindo culturalmente vários obstáculos à intimidade entre homens, desde os tabus sobre a expressão de sentimentos, o culto de uma espécie de ‘insensibilidade’ ou dureza, a competição e a homofobia” (LOURO, 1995, p. 96). Sendo assim, qualquer manifestação que esteja fora dessa norma geral de comportamento desperta desconfiança, dúvida e insegurança.

A aula de Educação Física ao privilegiar essas manifestações hegemônicas de masculinidade, ignora especificidades e produz formas de exclusão e julgamento que corroboram com a idéia de LOURO (1999, p. 31), onde “na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras”. A persistência de uma Educação Física a-crítica, que não reflete sobre suas práticas e que se

desresponsabiliza pela formação de seus alunos, acaba através de seu silêncio, colaborando para a formação dos estereótipos de homem e mulher, mantendo assim uma postura supostamente neutra, ajudando na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atende a determinados padrões e regras de conduta.

Desta forma fecha-se a porta para as diversas manifestações de masculinidade e feminilidade existentes, limitando as experiências a práticas generificadas e estabelecidas como “adequadas” aos meninos ou às meninas. Além de limitar o conteúdo da Educação Física aos esportes, este tipo de conduta fortalece a formação de sujeitos adequados à uma sociedade competitiva e preconceituosa. Mesmo com a consciência de que a formação dos sujeitos ocorre em diversas instâncias sociais, entre elas a escola, não podemos ignorar o papel da Educação Física, uma vez que este campo de saber trata diretamente das questões afetas ao corpo. Cabe então repensar o papel desse conteúdo escolar, buscando novas formas de ensino e novas relações sociais.

Referências

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157-173, jul./dez. 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes . Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, Alfredo. (org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 83-107.

SOARES, Carmen. Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.